



ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

ANO XX — N.º 62

CAPITAL FEDERAL

QUARTA-FEIRA, 15 DE SETEMBRO DE 1965

ATA DA SESSÃO SOLENE DESTINADA A HOMENAGEAR SUA ALTEZA REAL O GRÃO-DUQUE DE LUXEMBURGO, EM 14 DE SETEMBRO DE 1965.

PRESIDÊNCIA DO SR. MOURA ANDRADE.

Compõem a Mesa os senhores Eilac Pinto, Presidente da Câmara dos Deputados; Senadores Gilberto Marinho, Padre Calazans, Pedro Carneiro e Raul Giuberti.

As 11 horas, acham-se presentes os senhores Senadores:

Goldwasser Santos
Oscar Passos
Vivaldo Lima
Edmundo Levi
Arthur Virgílio
Pedro Carneiro
Manoel Dias
Menezes Pimentel
José Bezerra
Peçosa de Queiroz
Heribaldo Vieira
José Leite
Aloysio de Carvalho
Josaphat Marinho
Eurico Rezende
Raul Giuberti
Vasconcelos Torres
Gilberto Marinho
Padre Calazans
Lino de Mattos
Moura Andrade
José Feliciano
Filinto Müller
Castão Müller
Atílio Fontana
Ovidio Mondim
Daniel Krieger
(27)

E os Srs. Deputados:

Acre:

Altino Machado — PTB
Armando Leite — PSD
Geraldo Mesquita — PSD
Jorge Kalume — PSD
Mário Maia — PTB
Rui Lino — PTB

Amazonas:

Djalma Passos — PTB
João Veiga — PTB
Manoel Barbuda — PTB
Paulo Coelho — PDC
Wilson Calmon — PSP (2-9-65)

Pará:

Adriano Gonçalves — UDN (10 de setembro de 1965)
Burlamaqui de Miranda — PSD
Lopo Castro — PSP
Stélio Maroja — PSP

Maranhão:

Henrique La Rocque — PSP
Joel Barbosa — PSD
Mattos Carvalho — PSD

CONGRESSO NACIONAL

Piauí:

Chagas Rodrigues — PTB
Ezequias Costa — UDN
Heitor Cavalcanti — UDN
Laurentino Pereira — PSD (4 de outubro de 1963)
Moura Santos — PSD

Ceará:

Dager Serra — PTB (22-10-6)
Esmerino Arruda — PSD
Eulides Wicar — PSD
Flávio Marcello — PTB
Leão Sampaio — UDN
Lorengo Colares — PTB
Martins Rodrigues — PSD
Oziris Pontes — PTB
Paes de Andrade — PSD
Ubirajara Ceará — PRP (1911-65)

Paraná:

Emamy Sátiro — UDN
Jandui Carneiro — PSD
Luiz Bronzeado — UDN
Raul de Goes — UDN

Pernambuco:

Aderbal Jurema — PSD
Alde Sampaio — UDN
Andrade Lima Filho — PTB
Arruda Câmara — PDC
Augusto Novaes — UDN
Aurino Valois — PTB
Geraldo Guedes — PSD
João Cleofas — UDN
Magalhães Melo — UDN
Milvernes Lima — PTB
Nilo Coelho — PSD

Sergipe:

Arnaldo Garcez — PSD
José Carlos Teixeira — PSD
Lourival Batista — UDN
Machado Rollemberg — UDN
Walter Batista — PSD

Bahia:

Aloysio Short — UDN (4-12-65)
Clemens Sampaio — PTB
Heltor Dias — UDN
Henrique Lima — PSD
João Alves — PTB
Josaphat Azevedo — PTN
Josaphat Borges — PSD
Luna Freire — PTB
Manoel Novaes — PTB
Manso Cabral — PTB
Mário Piva — PSD
Necy Novaes — PTB
Oliveira Brito — PSD
Pedro Catalão — PTB
Ruy Santos — UDN
Teófilo de Albuquerque — PTB
Tourinho Dantas — UDN
Vasco Filho — UDN
Vieira de Melo — PSD
Castão Pedreira — PTB

Espírito Santo:

Argilano Dario — PTB
Bagueira Leal — UDN (10-11-65)
Dionísio Cardoso — PSD
Dulcino Monteiro — UDN
Oswaldo Zanillo — PRP
Raymundo de Andrade — PTM

Rio de Janeiro:

Adahuri Fernandes — PTB (4 de dezembro de 1965)
Afonso Celso — PTB
Carlos Werneck — PDC
Laso Coimbra — PSD
Geremias Fontes — PDC
Getúlio Moura — PSD
Humberto El Jaick — PTB (4 de dezembro de 1965)
Raymundo Padilha — UDN
Roberto Saturnino — PSB

Guanabara:

Afonso Arinos Filho — PDC (M.E.)
Alfonso Baleeiro — UDN
Aureo Meio — PTB
Báeta Neves — PTB
Breno da Silveira — PTB
Cardoso de Menezes — UDN
Eurico Oliveira — PTB
Expedito Rodrigues — PTB
Hamilton Nogueira — UDN
Jamli Amiden — PTB
Noronha Filho — PTB

Minas Gerais:

Abel Ratael — PRP
Amintas de Barros — PSD
Bento Gonçalves — PSP
Bilac Pinto — UDN
Celso Murta — PSD
Cyro Maciel — PR (S.E.)
Francellino Pereira — UDN
Generoso Pereira — PDC (4-12-65)
José Bonifácio — UDN
Lycurgo Leite — UDN (S.E.)
Manoel de Almeida — PSD
Nogueira de Rezende — PR
Oscar Corrêa — UDN
Padre Nobre — PTB
Paulo Ferre — PTB
Pedro Aleixo — UDN
Rondon Pacheco — UDN
Ulino de Carvalho — PSD

São Paulo:

Adrião Bernardes — PST
Alceu de Carvalho — PTB
Aniz Badra — PDC
Athé Courty — PDC
Batista Ramos — PTB
Broca Filho — PSP
Campos Vergal — PSP
Carvalho Sobrinho — PSP
Celso Amaral — PTB
Dias Menezes — PTN
Derville Alegretti — M.T.A.
Germinal Feijó — PTB
Harry Normanton — PSP
Hélio Maghenzani — PTB
Herbert Levy — UDN
Italo Filippaldi — PSP (S.E.)
José Barbosa — PTB
José Resegue — PTB
Lauro Cruz — UDN
Levy Tavares — PSD
Mário Covas — PST
Nicolau Tuma — UDN
Paulo Lauro — PSP (1-12-64)
Pedro Mário — PTN
Pedroso Junior — PTB
Pinheiro Brícola — PS
Pinto Salgado — PRP
Susumu Hirata — UDN

Teófilo Andrade — PDC
Tufy Nassif — PTN
Ulysses Guimarães — PSD

Goiás:

Benedito Vaz — PSD
Castro Costa — PSD
Jales Machado — UDN
José Cruciato — PSD (4-12-65)

Mato Grosso:

Edison Garcia — UDN
Wilson Martins — UDN

Paraná:

Antônio Annibelli — PTB
Braga Ramos — UDN
Lyrio Bertoli — PSD
Minoro Miyamoto — PDC

Santa Catarina:

Albino Zeni — UDN
Carneiro de Loyola — UDN
Orlando Bertoli — PSD
Paulo Macarini — PTB

Rio Grande do Sul:

Adilso Viana — PTB
Antônio Bresolin — PTB
Ary Alcântara — PSD
Brito Velho — PL
Cesar Prieto — PTB
Cid Furtado — PDC
Clovís Pestana — PSD
Croacy de Oliveira — PTB
Eulides Triches — PDC
Flôres Soares — UDN
Florêncio Paixão — PTB
Giordano Alves — PTB
Jairo Bram — MTR
Luciano Machado — PSD
Matheus Schmidt — PTB
Osmar Grafulha — PTB
Peracchi Barcelos — PSD
Raul Pila — PL
Ruben Alves — PTB
União Machado — PTB
Zaire Nunes — PTB

Amapá:

Dalton Lima — PSP (27-11-65)

Roraima:

Hegel Morhy — PSP

O SR. PRESIDENTE:

(Moura Andrade) — Está aberta a sessão do Congresso Nacional, destinada a receber a visita de Sua Alteza Real o Grão-Duque de Luxemburgo.

Sua Alteza já se acha no edifício do Congresso. Solicito aos Srs. Iddes que, em Comissão, o introduzam no plenário. (Pausa).

Acompanhado da Comissão, de entrada no recinto e toma assento à mesa, à direita do Senhor Presidente, Sua Alteza Real o Grão-Duque de Luxemburgo. — (Palmas prolongadas).

O SR. PRESIDENTE:

(Moura Andrade) — O Congresso Nacional está reunido para prestar as homenagens dos representantes do povo brasileiro ao eminente Che-

se do Estado de Luxemburgo, de tanta expressão histórica, artística, cultural, política e militar na tumultuosa história europeia.

O Luxemburgo é descrito como um pequenino país, que contém na sua miniatura a síntese geográfica de todas as belezas, nas terras das Ardenas, nas ondulações do "bon pays", na região mineradora do Leste e nos vinhedos do Mosella.

A sua importância militar, resultante do valor estratégico que representa, tornou-o em certa época fortaleza inexpugnável e por todo o tempo o envolveu nos grandes dramas guerreiros e vividos pela Europa e em particular pelos países componentes do Benelux e pela Alemanha e França que com ele dividam.

Disto resultou que o pequeno Grão-Ducado precisou forjar em seu povo, nos rigores dos episódios históricos, uma tempera patriótica tão rija, tão energética, tão sábia no trato internacional, tão prudente nas relações diplomáticas e tão capaz no intercâmbio político e econômico com os demais povos, que lhe assegurasse, como assegurou, a sobrevivência como nação, a recuperação e permanência da independência como Estado.

O trabalho, as artes, a cultura e o valor cívico fizeram do povo desse pequeno país um grande povo.

Hoje, em nome da Nação Brasileira, aqui nos achamos nós, a fim de que Senado e Câmara, pelos seus ilustres oradores, Senador Guido Mondin e Deputado Mário Covas, saúdem Sua Majestade o Grão-Duque do Luxemburgo.

Desejamos ardentemente que a sua Real visita represente maior estreitamento das relações entre nossos países.

Afirmo a Vossa Majestade que há intenso júbilo nos corações brasileiros por haver aceito o convite de nosso Governo para permanecer no Brasil, ainda que por breves dias. O nosso povo cerca de carinho Sua Majestade a Grã-Duquesa e vota à Sua Alteza Real o Grão-Duque do Luxemburgo profunda admiração. Dou a Vossa Majestade as minhas boas vindas e convido para ocupar a tribuna o Senador Guido Mondin (Palmas).

O SR. GUIDO MONDIN:

(Lê o seguinte discurso) - Em^o Sr. Presidente do Congresso Nacional, Alteza Real Sr. Grão-Duque de Luxemburgo, Exm^o Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Srs. Senadores, Srs. Deputados, o Parlamento Brasileiro reúne-se, nesta manhã festiva para receber Vossa Alteza.

É o próprio povo brasileiro que o acolhe com carinho honrado por tão augusta presença.

Vossa Alteza traz ao Brasil uma mensagem de fraternidade de sua doce terra, mensagem que recolhemos em nossos corações, porque nela ouviremos os acordes do cântico de sua Pátria:

"Onde vês o suave Alzette deslizando e o Suro brincando alegremente, onde doces vinhedos se estendem às margens do Mosella, Ali está a terra pela qual louvamos a Deus!

por ser nossa, nossa terra natal, que amamos acima de tudo."

A história de sua Pátria, Alteza, começa bem antes da nossa.

O Brasil embebe as raízes de sua história na de Portugal.

Mas, ainda assim, se a nossa história vem de além-mar, iniciando-se com a fundação da Monarquia Lusitana, por D. Afonso Henriques, em 1128, 165 anos antes, o Conde Sigefredo fundava a Casa de Luxemburgo, com a posse do castelo que ficou ao tempo como um marco ainda vivo do nascimento do Grão-Ducado.

EXPEDIENTE

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL

DIRETOR-GERAL

ALBERTO DE BRITO PEREIRA

CHEFE DO SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES
MURILO FERREIRA ALVES

CHEFE DA SEÇÃO DE REDAÇÃO
FLORIANO GUIMARÃES

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Impresso nas oficinas do Departamento de Imprensa Nacional
BRASÍLIA

ASSINATURAS

REPARTIÇÕES E PARTICULARES

Capital e Interior	
Semestre	Cr\$ 50,0
Ano	Cr\$ 96,0
Exterior	
Ano	Cr\$ 136,0

FUNCIONARIOS

Capital e Interior	
Semestre	Cr\$ 39,0
Ano	Cr\$ 76,0
Exterior	
Ano	Cr\$ 108,0

— Excetuadas as para o exterior, que serão sempre anuais, as assinaturas poder-se-ão tomar, em qualquer época, por seis meses ou um ano

— A fim de possibilitar a remessa de valores acompanhados de esclarecimentos quanto à sua aplicação, solicitamos dêem preferência à remessa por meio de cheque ou vale postal, emitidos a favor do Tesoureiro do Departamento de Imprensa Nacional.

— Os suplementos às edições dos órgãos oficiais serão fornecidos aos assinantes somente mediante solicitação.

Muito antes do descobrimento do Brasil, Luxemburgo vai tecendo a sua história.

Exerce grande influência na Europa — estende seu território ou cede grandes áreas, enfrentando séculos de injunções políticas e domínio estrangeiros. A época da chegada aqui das primeiras naus lusitanas, eram os espanhóis que tomavam Luxemburgo. Enquanto a França se apressa do Grão-Ducado, para perdê-lo novamente aos espanhóis, aqui na América, nós através de entradas e bandeiras, realizávamos a epopéia da demarcação do nosso território, lutando, entretanto, contra invasores e corsários. Quando Luxemburgo passa ao controle da Austría, nós, de permoio com o desbravamento dos nossos sertões, fixávamos nossas fronteiras meridionais a preço de sangue.

Transformávamo-nos de Colônia em Reino ao tempo em que a França reconquistava Luxemburgo, que se liberta com a queda de Napoleão, ao passo que nós, pouco além, proclamávamos a nossa independência.

Praticamente, dos mesmos dias são a independência do Brasil e a independência de Luxemburgo. Depois a história do Grão-Ducado se desenvolve chegando até aos nossos dias numa fascinante sucessão de fatos em que uma constante se verifica. Antes e depois de 1839, enfrentando vicissitudes sem fim, submetido a partilhas, jungido à sua fatalidade geográfica, nunca o seu povo perdeu o sentimento de independência.

Quando meninos ouviamos falar de Luxemburgo como de um reino de fadas, para mais tarde, conhecendo-lhe a maravilhosa história, verificar que os luxemburgueses, no seu pequenino território, são uma lição ao mundo no sentimento de amor à Pátria, porque o embasam no culto às tradições nacionais, vitalizadoras da alma de uma Nação. (Palmas)

Luxemburgo mostra ao mundo que uma Pátria não é constituída apenas de expressões materiais dos espaços

geográficos. Como as criaturas, as Patrias têm corpo e alma.

Se o corpo é o território, a alma é a história — e é este componente que explica a resistência, a força da sobrevivência, a energia que se exprime na dignidade e na honra com que os luxemburgueses realizaram e realizam sua missão política nos estreitos limites do seu território ao noroeste da Europa. No seu Grão-Ducado, o povo luxemburguês constitui uma unidade moral e cultural construída de fé, de espírito religioso. Não é preciso interpretar mais nada para explicar sua sobrevivência numa Europa de fronteiras movediças, de retalhamentos impostos pelos vencedores de guerras, uma Luxemburgo esmagada entre potências antagonicas e buscando numa política de neutralidade seu refúgio e segurança.

O desenvolvimento sócio-político-econômico de Luxemburgo avançou palmo a palmo, assumindo magnífica expressão no mundo europeu, quando, em 1914, seu território é invadido pelas poderosas forças alemãs. Não se lhe respeitou a neutralidade, reconhecida solenemente em tratados e proclamada em sua carta constitucional de 1863, como não seria respeitada em 1940, com a invasão pelas mesmas tropas. Não bastante isso, de Luxemburgo exigem que se declare alemã para, sob as mais terríveis ameaças, legalizar sua anexação violentando-se ainda mais seus brios, quando os ocupantes exigiam o recrutamento dos jovens luxemburgueses para o exército agressor.

Eram fortes, porém, os sentimentos morais que presidiam o processo de formação da nacionalidade. O Grão-Ducado a tudo resistiu, impávido e resolutivo, numa desproporção de forças absoluta, contando apenas com o ardor do seu patriotismo e de sua fé. Não se rendeu nunca em meio às provocações, com a família Grã-Ducal curtindo agitado exílio, suas indústrias ocupadas e exploradas por mãos estrangeiras, suas tranquilas cidades ao noroeste destruídas pelos

bombardeios. Mas, o pesadelo, que já enfrentara em séculos pretéritos, teria de passar, porque nem botas, nem canhões, nem ameaças de deportação e flagelos, destroem o patriotismo de um povo consciente. (Palmas)

O Grão-Ducado ressurgiu, assim, vigoroso e mais belo ainda, na reconstrução das áreas destruídas. As experiências dolorosas de 1914 e 1940 levaram Luxemburgo a uma atitude diferente. Abandona o seu neutralismo, histórica e contingencialmente compreensível, e ingressa, para lutar, na comunidade europeia, no mundo ocidental. A ameaça permanente do Leste abrange a Europa livre, como ameaça todo o mundo democrático. O destino do ocidente é o destino de Luxemburgo.

Mas é de uma Luxemburgo em paz e prosperidade, culta e nobre, que nos vem Sua Alteza, o seu Grão-Duque, acompanhado de sua excelsa esposa, a Grã-Duquesa Josefina Carlota.

Luxemburgo é bela. Montanhas e colinas vão descendo para os seus rios sinuosos e tranquilos, de águas limpidas e azuis, em cujas margens repousam cidades e castelos, cenários de gestas e de lendas, parecendo-nos ouvir a cada passo menestres cantando velhas baladas. Seus pitorescos vales perdem-se entre verdes e azuis de ridentes paisagens de sonho, onde, em terras férteis, desdobram-se, soberbas, as suas culturas, enquanto uma indústria de largos índices progride ao calor de altos-fornos.

Creia, Alteza, que nos o recebemos de braços abertos. O mundo, hoje, é um só, mas, política e filosoficamente dividido, nós recebemos com maior ternura, o coração em festa, nossos irmãos nos pleitos libertários, os que estão do mesmo lado que escolhemos, os que adotam a mesma filosofia de vida que nós queremos. Oxala pudessemos proporcionar-lhe nesta recepção as mesmas emoções que um dia Vossa Alteza terá sentido, quando em companhia do Príncipe Félix, da sucada da Prefeitura de Luxemburgo, Vossa Alteza recebia as saudações delirantes do seu povo, porque aquele era o regresso dos seus soberanos à Pátria e à Liberdade.

Vinha Vossa Alteza do exílio a que o forçara a prepotência armada, peregrinando pela Europa e pelas Américas, apelando em favor dos povos oprimidos. A listado na Armada Britânica, designado para o "Irish Guards", sempre confortando o seu povo através de sucessivas mensagens de encorajamento, para, afinal, desembarcar em Bayeux com a 32ª Brigada, em 1944, e, então, atravessando a fronteira luxemburguesa em Rodange-Pétange, precisamente por onde anos antes se processara a partida para o exílio.

Mas, Vossa Alteza agora não vem do sofrimento, e sim, de uma Luxemburgo refeita, e tem tranquilidade para ver, ouvir, constatar e comparar o que se passa no mundo, embora com uma preocupação que não estaria nos seus planos nos risos nos tempos de sua infância no Castelo de Berg. Sei que o Brasil não lhe é estranho. Vossa Alteza já o conhecia quando Grão-Duque Herdeiro, visitando o Rio de Janeiro, São Paulo, Campinas, Belo Horizonte, Sabará e Montevide. Agora, como Chefe de Estado, vem Vossa Alteza ao Brasil para honra nossa e, para glória da nossa sensibilidade, vem ao Planalto, à Nova Capital da República.

Nós temos satisfação, Alteza, de mostrar a nossa nova Capital ao mundo, como desejamos que o mundo venha conhecer-nos como povo, sinceros que somos na demonstração da nossa realidade, menos pelo que ela possa mostrar, como obra do homem, mas, pelo sentido que damos à nossa presença entre as Nações. Se hoje Luxemburgo emerge de sua neutrali-

dade para a realidade e a fatalidade de sua integração entre os povos que defendem os princípios do Ocidente, de liberdade e de respeito aos direitos da pessoa humana, a fim de que a vida seja possível entre os homens, sem se degradarem na opressão e na escravidão — constata, Alteza, ao ensejo de sua desejada visita, o comportamento brasileiro em face das inexoráveis exigências contemporâneas.

A transferência da Capital brasileira para estes sertões tem um sentido profundo, telúrico. Novamente trouxe a inteligência, a audácia e a vontade brasileiras para o domínio das selvas. Ao tempo em que Luxemburgo se debatia contra os seus dominadores, nós nos debatíamos com o mistério de um continente, cavalegando montanhas, vadeando e transpondo rios, cortando vales e planaltos, conquistando o nosso território, demarcando e fixando os nossos limites geográficos na gigantesca operação espaço-pátria para o nosso povo. Pois essa jornada agora é retomada, em plena segunda metade do século XX. Já não mais lutamos contra o mistério, mas em função da consciência que temos da nossa missão histórica.

Brasília se faz a plataforma desta nova etapa e o Brasil com ela investe na integração de suas populações longínquas, rarefeitas, primárias e abandonadas. O objetivo é ciclópico e ambicioso, porque, sobretudo, tem de ser alcançado sem descurar aquilo que já construímos em nossa estrutura sócio-econômica, sem nos dissociarmos do que se passa no mundo dos nossos dias, nem nos desviando das nossas relações no plano internacional, solidários com o mundo ocidental, absolutamente conscientes do papel que representamos como peça de alta valia nesta conjuntura, pelo que expressamos moral e psicologicamente, pelo que somos politicamente, pelo que traduzimos economicamente e, sobretudo, em face das ameaças que pesam sobre o mundo livre, pelo que significamos estrategicamente.

É este Brasil, com esta consciência, que Vossa Alteza visita nesta hora; um Brasil que interioriza sua Capital para ficar com o olhar abrangendo todas as direções do seu território e do seu povo, assim vislumbrando o futuro na plena posse de si mesmo. Somos um povo que tem fé, que tem um conceito de liberdade provindo da lição das distâncias geográficas, uma liberdade que não tivemos de conquistar como na Europa, ao contrário, compreendendo que há um conjunto de deveres a criar, criando com eles um pensamento e uma cultura, impondo a todas as nossas realizações o domínio do espírito. Somos um povo cristão, pois nascemos sob a égide da Cruz, e Vossa Alteza há de compreender o seu sentido, quando a sua cristianíssima Luxemburgo, num vaticínio igual, nasceu num Domingo de Ramos.

E porque estamos em paz, sem desconhecer as sombrias perspectivas do século, a todos igualando e sujeitando ao mesmo destino, em nome do Senado da República, direi, para concluir esta singela saudação, como canta o seu povo, Alteza, na homilia da última estrofe do seu hino nacional:

"Nosso Pai que, no céu, com mão poderosa, constrói Estados ou os suprime, proteja a sua Terra de Luxemburgo dos inimigos estrangeiros e dos infelizes. Que a esplendente liberdade de Deus nos seja concedida agora como no passado."

Que a luz da liberdade resplandeça gloriosamente, agora e para todo o sempre"

(Muito bem! Muito bem! Palmas prolongadas).

O SR. PRESIDENTE:

(Moura Andrade) — Tem a palavra o Sr. Deputado Mário Covas.

O SR. MÁRIO COVAS:

(Lê o seguinte discurso) — Senhor Presidente do Congresso Nacional, Senhores Congressistas, Sua Alteza Príncipe Jean, no memorável e histórico 6 de junho de 1944, efetuou-se o desembarque das tropas aliadas na Normandia. Cinco dias após, chega a Bayeux, depois da travessia da Mancha, o Regimento que tem como Tenente o Príncipe Jean. Aos 10 de setembro o Grão-Duque herdeiro atravessa a fronteira luxemburguesa, em Rodange-Pétange, no mesmo lugar onde, em 1940, seus pais tinham deixado o país, para o exílio. Pela manhã, o Príncipe Félix havia chegado a Luxemburgo, com a Quinta Divisão Blindada americana. É intenso o delírio com que a população os aclama.

Sem dúvida, a dramaticidade desse momento terá inspirado um turbilhão sentimental a Sua Alteza Real. Ao Príncipe herdeiro, o reencontro com a paisagem acolhedora, a visão dos castelos conhecidos da infância, o convívio amistoso e delirante com seus conterrâneos, não de ter causado profunda emoção; ao soldado, a consciência do dever cumprido, na obra de libertação de sua pátria, ocupada até então, mais indômita e nunca dominada, terá, certamente, temperado a dureza da formação; ao homem, entretanto, deve ter produzido um estranho e cabal sentimento de realização, e uma integração total com a natureza e com sua gente. Num último, dois mil anos de tradição e cultura, vilipendiados pela intromissão despotica, ressurgiam, límpidos e cristalinos, eretos em sua pujança. (Palmas.)

Simultaneamente, ao sul, na poética e lendária península italiana, as tropas brasileiras, empenhadas também na luta contra a tirania, derramavam seu sangue na defesa das liberdades humanas e da Democracia. (Palmas). O vínculo então criado entre as duas Nações, cimentado pelo combate ao agressor comum, há de consagrar, ao longo dos tempos, a amizade brasileiro-luxemburguesa.

Engastado na fronteira dos povos de língua romana e germânica, como foco de transição e objeto de permanente reivindicação de ambos, foi a Providência Divina, sem dúvida, a inspiradora de Luxemburgo. Parte da Lotaringia, "Ce royaume d'entre deux", herdou seu destino, como passagem para todos os exércitos do norte, do sul, do leste e do oeste. Sob tais circunstâncias, presentes em toda sua evolução desde a gênese, o Luxemburgo, impotente para se opor pela força às grandes potências, retirou da história uma esplêndida lição: verificou que um acordo dos antagonistas lhe permitiria uma paz muito mais sólida do que a vitória de um sobre outro.

Que maravilhosa, que sublime tarefa estava reservada a este pequeno Estado: evidenciar à sociedade, com o seu sacrifício e sofrimento, a antecipação de conceitos que os anos tornariam perenes: a convivência pacífica, a solidariedade universal e o diálogo permanente como pré-requisitos para manutenção da paz. Com profética antevisão, proclamou ao mundo, com seu exemplo, a orientação a ser seguida pelas Nações diante das hostilidades das grandes potências: a mediação serena e imparcial de intérprete conciliador, ao revés de espectador ansioso e omissor do desenlace fratricida.

E aí, com total evidência, a formulação de uma afinidade incontestável, o denominador comum de um destino igualmente traçado. O Brasil reconhecendo sua filiação continental, reiterando sua vinculação com a latinitude, e reafirmando seus compromissos com o Ocidente e a Democracia, tem proclamado, como objetivo primeiro de sua política externa, permanentes instâncias no sentido de uma Paz duradoura entre as Nações. (Palmas).

Ao Luxemburgo, a longa, monótona e terrível repetição das devastações efetuadas nessas manifestações de beligerância, transmitidas de geração em geração pelos arquivos da História, confere, a esse anseio coletivo de seu povo, dimensões inenarráveis. Quando se examina a pirâmide representativa de sua população, ressaltam, escandalosamente, o flagelo que se abateu sobre as faixas que, durante a última guerra, contavam de vinte a vinte e cinco anos, ou que deveriam ter nascido em tal período. Ali estão consignados, na solução de continuidade do traçado gráfico, um terrível grito de angústia e um patético libelo contra os horrores das conflagrações. Dir-se-ia que a nudez da estatística preferiu o silêncio do simbolismo diante da dimensão do pecado.

Sua Alteza Real, o Grão-Duque Jean, Grão-Duque de Luxemburgo, Duque de Nassau e Príncipe de Bourbon e Parma, nasceu em Castel-Berg, e foi abençoado pelo apadrinhamento de Sua Santidade o Papa Bento XV. Efetuou seus estudos primários e secundários em Luxemburgo, e completou-os no Colégio d'Ampleforth na Grã-Bretanha. Posteriormente, vários professores o assistiram no Palácio Grão-Ducal, segundo os programas que constituem a seção superior da instrução pública luxemburguesa.

Em maio de 1940 repete-se o drama que se desenrolara 26 anos antes. A invasão das tropas alemãs o Grão-Duque herdeiro deixa o território luxemburguês em companhia da Família Grão-Ducal e do Governo, e refugia-se na França. De lá, transfere-se para Portugal. Enquanto a Grã-Duquesa Charlotte se dirige a Londres, ali estabelecendo a sede oficial do Governo luxemburguês, viaja para os Estados Unidos e Canadá, em companhia de seus irmãos e de seu pai, o Príncipe Félix. Em Quebec, inscreve-se na Universidade, e segue seus cursos de Direito e Ciências Políticas.

No Canadá e Estados Unidos, efetua profícuo trabalho de união da colônia luxemburguesa, e endereça constantes apelos aos povos americanos, em favor dos oprimidos da Europa. Em 1941, em Chicago, em presença da Grã-Duquesa, é criado o "National Relief Fund", organização de auxílio ao povo luxemburguês.

A nostalgia e a saudade da pátria distante, porém, convocam Sua Alteza Real e o Príncipe Félix a se engajarem no exército inglês. Em novembro de 1942, filia-se aos Irish Guards. Dos campos, de manobras em Coulson Common passa para os Pré-Oficiers Cadet Training Unit, em Pirbright, e, finalmente, aos instrutores do Colégio Real Militar de Sandhurst. A 3 de março de 1944 é promovido a Tenente dos Irish Guards.

Depois de desligar-se desse Regimento de elite, é nomeado Coronel do jovem exército luxemburguês, à frente do qual desfila em Londres, perante os chefes de Estado dos países aliados, na imponente parada da vitória. Como distinções honoríficas, por méritos militares, são-lhe conferidas a "1939-45 War Medal", "1939 de 1945 Star" e "France and Germany Star".

Contrai núpcias, aos 9 de abril de 1953, com Sua Alteza Real a Princesa Josefina-Charlotte, da Bélgica; Suas Altezas Reais têm 5 filhos: a Princesa Marie-Astrid, o Príncipe Henri,

o Príncipe Jean, a Princesa Margarita e o Príncipe Guillaume. Familiariza-se com os problemas políticos e administrativos do país no exercício das funções de Membro do Conselho do Estado — que ocupa de 1951 a 1961. A 28 de abril de 1961 a Grã-Duquesa Charlotte designa-o seu "Lieutenant Representant", o que lhe confere uma delegação de poderes de Grão-Duque. É Doutor "Honoris Causa" da Universidade de Strasbourg, Chefe Escoteiro da Associação Luxemburguesa de Escoteiros, Presidente de Honra do Comitê Olímpico Luxemburguês, Membro do Comitê Olímpico Internacional e Presidente de Honra da Associação dos Antigos Combatentes.

Aos 12 de dezembro de 1964 a Grã-Duquesa Charlotte, depois de 45 anos de reinado, abdica do trono em favor de seu filho, que nesse mesmo dia presta juramento perante o Parlamento.

A partir de então, assume a responsabilidade da Chefia desse Estado, cujo retrato, em pincelada magistral, M. Lefort, Delegado do Luxemburgo à UNESCO e Vice-Presidente da Câmara de Comércio Belgo-Luxemburguesa no Canadá, fixou:

"Le Luxembourg n'existe pas comme une oeuvre close, refermée sur elle-même; il lui importe moins d'introduire sons chant dans la musique de l'univers, d'apporter, d'ajouter une vérité à celles qui existent déjà, que d'inciter les siens à penser par eux-mêmes en s'appuyant sur toutes les vérités qui existent..."

Doce, romântico e maravilhoso destino, forjado na dureza de seu aço, no murmúrio de seus rios, no aroma de suas rosas e na tempera indômita e viril de seu povo. (Palmas).

"Le Grand-Duché de Luxembourg forme un état libre, indépendant et indivisible".

O Grão-Ducado de Luxemburgo é um Estado livre, independente e indivisível. É este o distico glorioso que encerra o art. 1º da Constituição de Luxemburgo. Livre, independente e indivisível, conceitos que traduzem, em sua imensa significação, a alma e o espírito do povo luxemburguês. Livres, isto é, que podem dispor de si próprios, e não estão sujeitos a senhor algum. Livres como seus antepassados, cavaleiros sem medo, ocupantes dos castelos fortificados, que ainda hoje emolduram a paisagem do país, pontificando como vigilantes pastores de descuidado e alegre rebanho. Adivinha-se que o espírito que o gerou se manteve incólume ao longo das gerações, e o idealismo, generoso e ativo, tão-somente se transferiu de morada, abandonando os soberbos torreões e vindo habitar os lares burgueses e as vivendas campestres. O "animus", o ímpeto, o profundo amor à liberdade, foram cimentados por séculos de tradição e extravassam em todas as manifestações da alma coletiva. Seu folclore, suas festas alegres, herança flamenga, seu pragmatismo, dedicação ao trabalho e espírito empreendedor que os aproxima dos alemães, seu apego às tradições, sua cultura, com sinais irretorquíveis da influência francesa, sem que tenham perdido suas características próprias, mas, pelo contrário, criando sua individualidade, decorrem de sua inalienável decisão de manterem íntegra sua liberdade, de não se sujeitarem a qualquer senhor, de disporrem de si próprios. (Palmas).

Independentes; contrários às idéias de opressão, avessos à tirania ou ao despotismo. Monarquia Constitucional hereditária, sua Constituição de 1868, com as modificações posteriores, tem aprimorado a prática do regime democrático e elevado o "status" social do povo.

O amor aos soberanos é tão legítimo e intenso quanto a aversão à

opressão. Durante a última guerra, quando ocupado pelos nazistas seu território, a oposição unânime dos luxemburgueses fez capitular o invasor, que desistia proceder a um plebiscito de anexação. E, em 2 de setembro de 1942, proclamou-se uma greve geral — a primeira da Europa ocupada —, protestando contra a anexação do país ao "Reich" e o recrutamento forçado dos jovens luxemburgueses. (Palmas).

Livre, independente e indivisível. A unidade, característica marcante da índole luxemburguesa, decorre da sua diversidade. Diversidade na natureza, que dividiu o país na pitoresca e austera Ardenas, ao norte, com selvagens e irregulares vales, conhecidos por "oesling"; no Bon-Pays, ao sul, com suaves ondulações, jazidas de ferro e os picos dos altos-fornos; e a leste a pequena Suíça de Luxemburgo, com sua visão acolhedora e curiosa. Sensibilizada pelo espírito popular, a própria natureza fez uma síntese de todas as belezas e ofereceu-a, no pequeno território, ao olhar ávido do peregrino. Diversidade no seu trilinguismo, causa e efeito de seu cosmopolitismo tradicional. Identicamente, a obra humana é sistematicamente variada: a Normandia está presente quando se observa o vale do Alzette dominado pelas três torres pontiagudas da catedral; a França comparece através de sua arquitetura; no Palácio d'Arbed, e nas ricas mansões das principais artérias. O Palácio Grão-Ducal, estilo renascença, lembra os mais antigos e ricos monumentos das vilas flamengas. A influência germânica manifesta-se nos edifícios da administração pública, que levam a sua concepção. Porém, ao contrário de um fracionamento, esta composição foi feita sempre com a manutenção da integridade étnica e nacional, fundamento de sua autonomia e independência.

Dos valores contidos nos conceitos de liberdade, independência e unidade, o povo brasileiro também não abdica. Liberdade como a constante de sua história; independência na sua afirmativa rejeição aos extremismos; e unidade, como apanágio de uma luta secular, cujas origens os bandeirantes fixaram, e da qual Brasília, que se engalana hoje com a nobre presença de Suas Altezas Reais, é uma etapa redentora. (Palmas).

Nós também, como vós, somos um povo que descobriu suas melhores potencialidades na fusão de uma centena de componentes, oriundos das mais remotas e insuspeitadas origens, de onde extraímos a nossa individualidade. O brasileiro, exemplo do luxemburguês, é, antes de tudo, um patriota. Persegue, como segunda alternativa, a de ser um cidadão universal. (Palmas).

Escudados na unidade interna e na humildade de quem tem consciência de sua grandeza, o Luxemburgo reservou-se outra ingente e importante tarefa. Idealizador e, mais que isso, catalisador da unificação europeia. Nunca o fez entretanto, em termos dominadores, mas ofereceu sempre a fórmula do diálogo, a soma dos esforços, o princípio de que a verdadeira solidariedade decorre da associação dos iguais. Entre as duas guerras, já participa da União Belgo-Luxemburguesa, que evolui, após 1935, para uma integral intimidade econômica entre os dois signatários. Em 1943 surge o "Benelux", fator de integração econômica entre a Bélgica,

o Luxemburgo e os Países Baixos. O tratado de Paris, em 1951, subscrito pela Bélgica, Alemanha, França, Itália, Luxemburgo e Países Baixos, cria a comunidade europeia do carvão e do aço, consequência dos trabalhos iniciados por Mayrisch, entre as duas guerras, e prosseguidos por esse luxemburguês ilustre Robert Schuman em 1950. Finalmente, o Tratado de Roma, em março de 1957, culmina com a comunidade econômica europeia.

É o velho espírito da Lotaringia que renasce, com o reencontro dos sonhos acalentados por Carlos Magno. E, acima disso, a materialização dos princípios advogados pela extensa região dos irênistas, iniciada com o normando Pierre Dubois e sucessivamente advogada por George Podiebrad, Emeric Cruicé, Maximiliano de Béthune, William Penn, o abade Saint-Pierre, Rousseau, Bentham e Kant.

Não esgotou, entretanto, sua gloriosa missão: Sua Alteza Real a Grã-Duquesa Charlotte definiu, quando de sua visita a Paris, o destino inexorável de Luxemburgo:

"Le Grand-Duché est profondément et sincèrement européen. L'hospitalité qu'il donne depuis onze ans à différentes institutions européennes en est le témoignage probant. Le Grand-Duché souhaite avec ferveur que l'institution des communautés économiques des Six soit suivie rapidement d'une Europe politique. Il a trop souffert d'avoir été pendant des siècles l'enjeu des grandes puissances pour ne pas appuyer cet objectif avec vigueur".

Vossa Alteza Real é testemunha do apreço e carinho que o povo brasileiro lhe devota. Em 1942 Vossa Alteza Real, hospede oficial de nosso Governo, visitou o País. Na oportunidade, esteve no Rio de Janeiro, São Paulo, Campinas, Belo Horizonte, Sabará e Montevideu. Em Ouro Preto e Petrópolis, avistou-se com os descendentes da Família Imperial, a quem é ligado por laços de parentesco.

Visitando, em Montevideu, as instalações da Belgo-Mineira, esta pioneira contribuição luxemburguesa à siderurgia brasileira, Vossa Alteza Real, acendeu um novo alto-forno. Uma placa de metal, levando a inscrição "Príncipe João", aplicada ao lado do alto-forno, perpetua o fato e lembra a data.

Terá sido, sem dúvida, uma homenagem inexpressiva em face da importância do homenageado. Todavia, o simbolismo repesado na lembrança é imenso. Ali está presente o Luxemburgo, este País "qui est un don du fer comme l'Egypte est un don du Nil". Na intimidade da fornalha, o minério, o carvão e o calcário fundem-se em maravilhosa amalgama, resultando um produto puro e limpo, como a alma e o coração luxemburgueses. Há, em cada fração do milagre tecnológico, um pouco de suas aspirações seculares. E aquela imensa garganta voltada para o céu reprodutiva de mãos em piedoso agradecimento pelas dádivas da Natureza.

Dizem, entretanto, os mais velhos, que, nas claras noites de luar, linguas de fogo saídas daquele precioso forno, inscrevem nos céus de Minas Gerais, bem abaixo do Cruzeiro do Sul, a mensagem idealista de Luxemburgo:

"Liberdade. Independência e Unidade. (Palmas).

A Câmara dos Deputados do Brasil reivindica, perante Vossa Alteza Real, o privilégio de associar-se às inúmeras manifestações de júbilo do povo brasileiro pelas honrosas presenças de Suas Altezas Reais. Pede vênias para augurar uma estada proveitosa e feliz, compatível com a dimensão da amizade brasileiro-luxemburguesa. (Muito bem! Muito bem! Palmas prolongadas).

O SR. PRESIDENTE:

(Moura Andrade) — Tem a palavra Sua Alteza Real, o Grão-Duque de Luxemburgo. (Palmas prolongadas).

SUA ALTEZA REAL O GRÃO-DUQUE DO LUXEMBURGO:

(Pronuncia, em francês, o seguinte discurso) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, Srs. Deputados, minhas Senhoras, meus Senhores, com sentimento de gratidão e emoção escutei as palavras tão eloquentes e generosas que acabam de ser pronunciadas sobre o Luxemburgo.

A honra que me dão hoje os representantes do povo brasileiro, recebendo-me nesta alta Assembleia, é testemunha solene da compreensão cordial existente entre nossos dois países.

Aproveito com agrado a oportunidade de prestar homenagem ao papel capital que desempenha o Congresso na vida pública deste País, como depositário e defensor das tradições democráticas do povo brasileiro.

Felicito-me de nestes poucos dias encontrar o Brasil tal como foi solidado por séculos de história e tal como para o futuro orienta os seus esforços.

Grande potência pela dimensão de seu território, pela variedade de seus recursos minerais e agrícolas, pela maré montante e pelo espírito de iniciativa de sua população, sua Nação ocupa lugar de primeiro plano no meio do continente com o qual temos em comum múltiplas aspirações humanas e valores de civilização. Mais particularmente os luxemburgueses se sentem em comunhão de espírito com o povo tão acolhedor aos homens de todas as cores e de todas as nações e no concerne o amor à liberdade, o sentido da medida no julgamento e da ação, à aptidão ao compromisso, ao respeito, enfim, da pessoa humana.

Estamos profundamente impressionados pela amplitude dos grandes projetos iniciados ou executados num país fiel à antiga legenda escrita em sua bandeira — ORDEM E PROGRESSO. Estas realizações servem de exemplo aos esforços empreendidos pelo conjunto dos países da América Latina na utilização mais eficiente de suas capacidades, na exploração de suas energias latentes na harmonização de suas necessidades e seus interesses, na construção de uma ordem social e econômica justa e durável.

Apesar da distância que nos separa e que, na nossa época não constitui mais obstáculo, em problemas que os Senhores devem enfrentar nos tocamos de maneira direta. Assim, seguimos com o maior interesse e evolução deste continente. Esta tomada de consciência dos problemas sul-americanos confirma a validade do ponto de vista que, em matéria de política exterior, se tinha firmado nas posições adotadas nos países respectivos, depois da guerra, o encoraja a eclosão de uma

nova solidariedade no domínio econômico.

A Europa deve dedicar o cuidado cada vez maior ao desenvolvimento de seu continente. É importante para ela intensificar o intercâmbio existente e melhorar-lhe os termos, facilitar, por todos os meios, a execução dos programas a que se dá, em seu país, a importância primordial.

Para assegurar sua evolução e fortalecer suas estruturas, os seis países da Europa ocidental de que faz parte o Luxemburgo, estabeleceram o Mercado Comum. A América Latina, por sua vez, lançou-se num vasto processo de coordenação em matéria comercial, financeira e industrial. Longe de ser uma barreira para o entendimento de nossos dois continentes, a unidade assim iniciada deve levar-lhes a confrontar suas intenções de maneira a lograr um poderoso renascimento, benéfico a todos os povos que vivem do um lado e do outro do Atlântico.

O Luxemburgo, por sua vez, animado por um desejo de paz e de progresso social, está pronto a apoiar na medida de seus recursos, toda empresa que visa fazer, desta indispensável cooperação, uma realidade permanente.

Mas, Sr. Presidente, Srs. Senadores e Deputados, minhas Senhoras e meus Senhores, convendo do novo impulso à amizade entre os nossos dois países, faço votos fervorosos para que um futuro feliz e brilhante seja reservado aos Estados dos do Brasil. (Muito bem! Palmas prolongadas.)

O SR. PRESIDENTE:

(Moura Andrade) — A Presidência do Congresso Nacional agradece as palavras pronunciadas por Sua Alteza Real, o Grão-Duque do Luxemburgo, e os votos que fez pela prosperidade do nosso País.

O Deputado Mário Covas, em seu discurso, lembrou, com precisão, o art. 1º da Constituição do Luxemburgo, onde está escrito que o Grão-Ducado é um Estado livre, independente e indivisível. O Senador Guido Mondin recordou que aquele povo nunca perdeu o sentimento da independência. Em seu próprio Hino, o povo do Luxemburgo pede a esplendente liberdade de Deus que mantém a liberdade dos homens, e, no seu braço, inscreve esta expressão afirmativa: — "Je soutiendrai" — Eu sustentarei. Eu sustentarei a independência do Estado. Eu sustentarei a soberania da Nação. Eu sustentarei a liberdade do povo. Eu sustentarei a verdade da fé.

Este lema deve ser o de todos povos livres, de todas as nações democráticas. Que elas sustentem também o bem-estar e a liberdade dos povos que elas sobretudo, como o pequena Luxemburgo, se dispõem a dizer que sustentam a paz dos povos.

O Congresso Nacional agradece a visita de Sua Alteza Real, o Príncipe do Luxemburgo, e deseja que as palavras do seu Hino Nacional sejam, agora e sempre, ouvidas por Deus. Todo Poderoso. (Palmas.)

Convido os Srs. Congressistas a irem ao salão nobre do Edifício do Congresso Nacional, onde Sua Alteza Real, o Grão-Duque de Luxemburgo, receberá os cumprimentos de todos.

Convido a Comissão de Lideres a juntamente com o Sr. Presidente da Câmara dos Deputados e comigo, acompanharem Sua Alteza Real até aquele salão.

Está encerrada a sessão. (Levanta-se a sessão às 12 horas e 20 minutos.)